

COLEÇÃO 64 PÁGINAS

R\$ 3,00

Sérgio Capparelli & Márcia Schmaltz

FÁBULAS CHINESAS



燭火光明如白晝
人見豈為愉
白石老人
七十歲





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Organização e tradução
Sérgio Capparelli e Márcia Schmaltz

FÁBULAS CHINESAS

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

[O velho louco que removeu as montanhas](#)
[A moça que queria comer no Leste e dormir no Oeste](#)
[Esperando um coelho](#)
[O pássaro de nove cabeças](#)
[O homem que vendia lanças e escudos](#)
[O amor pelos dragões](#)
[O homem que queria comprar sapatos](#)
[A conclusão do príncipe de Wu](#)
[O estojo e as pérolas](#)
[Dois monges](#)
[Amolando uma barra de ferro](#)
[Marcando o barco para achar a espada](#)
[Três bananas de manhã](#)
[Uma folha em três anos](#)
[O sonho de Zhuangzi](#)
[O sonho do caçador](#)
[O pintor de fantasmas](#)
[A corça e o tigre](#)
[O homem muito sabido](#)
[Ajudando as plantas a crescerem](#)
[O rei Dragão que virou peixe](#)
[O macaco dourado que comia cérebro de tigre](#)
[Tigre versus tigre](#)
[O gato vegetariano](#)
[A felicidade dos peixes](#)
[O uso das metáforas](#)
[A coruja que queria mudar de casa](#)
[A raposa e o tigre](#)
[O peixe sobrenatural](#)
[O porco de cabeça branca](#)
[O lago](#)
[O lobo de Zhongshan](#)
[A força e a sabedoria](#)

[Uma questão de vida ou de morte](#)

[A direção errada](#)

[Sobre os autores](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Página de créditos](#)

O VELHO LOUCO QUE REMOVEU AS MONTANHAS

Liezi



Perto das montanhas Taihang e Wangwu[1], vivia um velho de noventa anos que todo mundo achava louco. Ele tinha uma ideia fixa, a de remover as montanhas da frente de sua aldeia e levá-las para outro lugar. Ninguém acreditou que ele fosse fazer isso.

Certa noite todos foram dormir tranquilos. No dia seguinte, o velho louco acordou bem cedo e disse novamente que iria remover as duas montanhas, para abrir um caminho até Hanying[2], onde os agricultores iam vender seus produtos no mercado.

Ele começou a encher um cesto com pedras e, pouco depois, passou perto de sua casa com a carga nas costas.

Sua mulher perguntou:

– Onde vai jogar a montanha?

– No mar Bohai[3].

Logo seu filho e seus três netos foram trabalhar com ele. Juntos quebravam as pedras, tiravam a terra, enchiam com ela os cestos e iam jogá-las no mar Bohai. Até o filho de sete anos da viúva, que nascera depois da morte do vizinho, veio ajudá-los. Eles trabalhavam de domingo a domingo, de primavera a primavera, voltando para casa apenas uma vez por ano.

Mesmo algumas pessoas que não acreditavam que fosse possível tirar as montanhas do lugar se dispuseram a ajudar o velho louco. Primeiro sua mulher e seus outros filhos. Depois os vizinhos e os vizinhos de seus

vizinhos. Mais tarde acharam, sim, que a montanha tinha de dar passagem até Hanying.

Um sábio que vivia na curva do rio tentou dissuadi-lo daquela loucura.

– Deixa de ser doido. Um homem velho e fraco como você, incapaz de carregar um saco de areia, vai remover duas montanhas para mudá-las de lugar?

O velho deu um suspiro. Olhou para a montanha, olhou para o mar Bohai, lá longe, como se calculasse quanto tempo faltava para terminar o trabalho, e disse:

– Se eu morrer, eu deixo o meu filho e o filho do meu filho, o filho do meu neto, o filho do filho do meu neto. Já as montanhas, não crescem mais nem aumentam de tamanho. Por isso eu vou continuar meu trabalho.

O sábio da curva do rio não soube o que responder.



[1] Dizem que essas duas montanhas estavam no sul do país. Hoje, uma está em Qinghai e a outra, na periferia de Beijing.

[2] Hanying fica na atual província de Shanxi.

[3] O mar Bohai é um mar interior da China, situado entre as penínsulas de Shandong e Liaodong, com o estreito de Bohai ao leste.



A MOÇA QUE QUERIA COMER NO LESTE E DORMIR NO OESTE

Ying Shao

No estado de Qi[1], havia uma moça em idade de casar. Era muito bonita e tinha muitos pretendentes, mas não sabia que noivo escolher. Um dia, dois moços diferentes foram à sua casa pedi-la em casamento. Um morava no Leste e o outro no Oeste.

O moço que morava no Leste era feio, mas vinha de uma família muito rica. O moço que morava no Oeste era bonito, mas vinha de uma família muito pobre. Os pais da moça não sabiam qual marido apresentar para sua filha. Então eles permitiram que ela desse a sua opinião sobre a pessoa com quem queria se casar[2].

A moça ficou encabulada. Passou o tempo, e nada de uma resposta. Seu pai chamou sua mulher para um canto e perguntou:

– Nossa filha não tem coragem de falar?

A mãe foi até onde estava sua filha e disse:

– Você não tem coragem de falar? Se está com vergonha, apenas aponte para o rapaz de sua preferência. Quer dizer, nem precisa apontar. Toque em seu próprio braço. Se tocar no braço esquerdo, é que gosta do rapaz do Oeste, que está na sua esquerda. Se tocar no braço direito, é que gosta do rapaz do Leste, que está na sua direita.

Depois de algum tempo, a moça voltou, mas ainda não tinha tomado a decisão. De repente, ela tocou em seu braço esquerdo. Queria então se casar com o moço do Oeste. Porém, em seguida, tocou também em seu braço direito.

– O quê? Você pretende se casar com os dois? – perguntou o pai, surpreso.

– Não – ela respondeu, falando pela primeira vez, com uma voz sussurrante. – Eu quero comer na casa do moço do Leste e dormir na casa do moço do Oeste.

Seus pais disseram:

– Não é possível ter sempre tudo o que se quer. Às vezes é preciso fazer opções!

A moça pediu mais algum tempo para pensar.

东
食
西
宿

[1] Qi era um dos feudos da dinastia Zhou (1122-265 a.C.) e estava localizado na atual província de Shandong, no Leste da China.

[2] O casamento na China antiga era arranjado pelos pais. Normalmente, os filhos não eram consultados.

ESPERANDO UM COELHO

Han Feizi



No reino de Song^[1] existia um camponês que tinha uma árvore dentro de sua propriedade.

Ele não gostava de arar a terra e mantinha a esperança de que caísse do céu alguma coisa boa. Um dia, enquanto estava lavrando, viu que um coelho vinha correndo afoito e, não conseguindo parar, bateu no tronco da árvore, quebrou o pescoço e morreu.

O camponês ficou feliz da vida, pois não precisou fazer nenhum esforço para conseguir um coelho para comer. Decidiu então não trabalhar mais, ficando embaixo da árvore à espera que outro coelho fizesse a mesma coisa.

Passaram-se muitos dias e nada de um coelho afoito correr na direção da árvore. As pessoas começaram a rir dele, dizendo que era um folgado, nessa espera por um coelho.

Uma boa oportunidade deve ser aproveitada, mas não fique de braços cruzados esperando pela sorte.

^[1] Song: um dos feudos que compunham a dinastia Zhou (1100-221 a.C.). Seu território compreendia as atuais províncias de Henan, Shandong, Anhui e Zhejiang.

O PÁSSARO DE NOVE CABEÇAS

Liu Ji

No monte Nieyao^[1] existia um pássaro de nove cabeças. Quando uma cabeça queria comer, as oito restantes disputavam com ela a comida. Elas lutavam, bicando-se mutuamente e ensopando de sangue as penas. No fim, as nove cabeças estavam machucadas e o pássaro não havia conseguido comer nada.

Um pássaro marinho, assistindo à cena, começou a rir.

– Não percebem que a comida que entra pelas nove bocas enche a mesma barriga? Não há razão para que nove cabeças vivam brigando umas com as outras!



^[1] Monte Nieyao: nome de uma montanha fictícia criada pelo autor da fábula.



O HOMEM QUE VENDIA LANÇAS E ESCUDOS

Han Feizi

Na região de Chu viveu um homem que vendia lanças e escudos.

– Meus escudos são tão fortes – vangloriava-se ele – que nada consegue atravessá-los. E minhas lanças são tão afiadas que conseguem perfurar qualquer coisa.

Alguém que vinha passando quis saber:

– E o que acontece se suas lanças batem nos seus escudos?

O homem não soube responder.

O AMOR PELOS DRAGÕES

Shen Buhai

Zigao, o Senhor de Ye, gostava tanto de dragões que havia mandado esculpir e pintar vários deles na sua casa e nas louças e só vestia roupas que tinham dragões bordados.

O dragão do céu, sabendo disso, desceu à Terra, entrou com a cabeça pela porta da casa e enfiou a cauda na janela. Ao perceber o que estava acontecendo, o Senhor de Ye fugiu, morrendo de medo.

Isso mostra que o Senhor de Ye não gostava verdadeiramente de dragões. Ele gostava daquilo que parecia ser um dragão, mas não dos dragões de verdade.



O HOMEM QUE QUERIA COMPRAR SAPATOS

Han Feizi



Um homem do reino de Zheng^[1] decidiu comprar um par de sapatos. Pegou a fita métrica, mediu seu pé direito e depois seu pé esquerdo. Ao sair, esqueceu a fita e as anotações sobre a cadeira. Mais tarde, quando encontrou os sapatos que queria, deu-se conta do esquecimento e suspirou desanimado:

– Puxa, eu me esqueci de trazer as medidas!

Voltou correndo para casa, a fim de buscá-las.

Ao retornar ao mercado, a feira tinha acabado e não havia mais nada aberto, e ele ficou muito triste porque não pôde comprar os sapatos.

– Por que não experimentou os sapatos? – alguém lhe perguntou.

Ele respondeu que acreditava mais na fita métrica do que nos seus pés.

^[1] Reino de Zheng: um dos feudos da dinastia Zhou (1100-256 a.C.), localizado na atual província Henan, no norte da China.



A CONCLUSÃO DO PRÍNCIPE DE WU

Liu Xiang

O príncipe de Wu^[1] anunciou que iria invadir Chu e ameaçou matar quem fosse contra seu plano.

Uma tarde, andando por uma estrada, viu Wang Zhenmao contar uma história. Nessa história, havia uma cigarra, numa árvore, bebendo o orvalho da manhã, sem perceber que atrás dela um louva-deus aproximava-se para agarrá-la. O louva-deus, pronto para pegar a cigarra, ignorava que atrás dele acabava de pousar um pardal, querendo levá-lo de almoço para seus filhotes. O pardal, alongando o pescoço e abrindo o bico, não sabia que mais embaixo um menino mirava sua cabeça com um estilingue, a fim de matá-lo.

O príncipe de Wu pensou durante algum tempo e decidiu suspender o ataque programado contra Chu.

^[1] Reino de Wu (222-280): um dos feudos do período chamado de Três Reinos. Localizava-se entre o sul da atual província de Jiangsu e o norte da província Zhejiang, no Sudeste da China.

O ESTOJO E AS PÉROLAS

Han Feizi

Um joalheiro do reino de Chu decidiu vender pérolas no reino de Zheng. Ele fez um estojo especial para guardar as pérolas. Era um estojo muito bonito, de madeira perfumada e cravejado de pedras preciosas.

Um homem do reino de Zheng ficou encantado com o estojo. Comprou-o, mas devolveu as pérolas que estavam dentro dele.

Esse homem disse que o vendedor de pérolas do reino de Chu devia se especializar na venda de estojos, e não de pérolas.



DOIS MONGES

Peng Duanshu



Na região de Shu[1] viviam dois monges, um rico e um pobre.

O monge pobre propôs ao monge rico uma peregrinação a Nanhai[2]. O monge rico achou a ideia interessante, mas queria saber o que deveriam levar. O monge pobre respondeu que seria necessário levar apenas uma garrafa para a água e uma tigela.

– O resto eu peço pelo caminho.

O monge rico respondeu:

– Faz anos que eu penso em realizar essa viagem. Já comprei até um barco. Mas até agora não consegui tomar todas as providências necessárias para essa longa peregrinação. Como é que você, com apenas uma garrafa e uma tigela, vai conseguir?

Um ano depois, o monge pobre retornou de Nanhai e foi visitar o monge rico.

O monge rico ficou envergonhado.

[1] O reino de Shu era um dos Três Reinos (220-280) e se localizava na atual província de Sichuan, no centro da China.

[2] Nanhai: designação da região das águas e das ilhas do rio Yangzi onde está situada a montanha sagrada budista Putuo, localizada na atual província de Zhejiang.

AMOLANDO UMA BARRA DE FERRO

Chen Renxi

Quando era pequeno, o grande poeta Li Bai^[1] não gostava de estudar. Um dia encontrou uma senhora idosa na calçada, amolando uma barra de ferro. Ele ficou curioso e perguntou o que ela pretendia fazer.

– Pretendo amolar essa barra de ferro até que ela vire uma agulha bem fina, para que eu possa costurar um vestido – respondeu ela.

Após isso, Li Bai compreendeu o que ela estava querendo dizer e, mais tarde, tornou-se um grande poeta.



^[1] Li Bai (701-762), considerado o maior dos poetas chineses da dinastia Tang. Desde muito pequeno chamava a atenção de todos pela sua inteligência e dedicação aos estudos. A partir dos 25 anos de idade, percorreu toda a China. Exerceu o cargo de mandarim por um ano, mas logo o abandonou, devido às disputas de vaidades na corte.



MARCANDO O BARCO PARA ACHAR A ESPADA

Lü Buwei

Há muito tempo, um homem pegou um barco para atravessar o rio. Como ventava muito e o barco balançava, o homem deixou cair no rio a sua espada.

Calmamente, ele marcou na borda do barco a posição onde a espada tinha caído.

Quando o barco parou no porto, o homem tirou a roupa e pulou dentro do rio. Todo mundo veio ver o que estava acontecendo. Quando ele emergiu, alguém perguntou:

– O que você está fazendo?

– Eu estou procurando a minha espada. Quando ela caiu, fiz uma marca no barco para indicar o lugar onde tinha de procurá-la.

Ele acabou de falar e mergulhou novamente.

TRÊS BANANAS DE MANHÃ

Liezi

Certa vez um criador de animais disse aos seus macacos:

– Vocês agora vão receber três bananas de manhã e quatro de tarde.

Os macacos ficaram transtornados. Agarraram-se às grades. Guincharam. Alguns até mostraram os dentes.

O criador disse-lhes então:

– Certo, certo! Que tal então quatro bananas de manhã e três de tarde?

Ouvindo isso, os macacos ficaram muito contentes e se aquietaram.

Alguns deles comentaram que aquela, sim, tinha sido uma grande vitória.



UMA FOLHA EM TRÊS ANOS

Liezi



No Estado de Song um homem reproduziu em marfim uma folha de amoreira para dar de presente ao rei. Ele levou três anos nesse trabalho. O resultado foi uma folha maravilhosa, delicada nos traços, cores finas e brilhantes. Quando alguém a colocava junto com outra de verdade, ninguém conseguia distinguir uma da outra, de tão perfeita. Esse homem recebeu o pagamento do governador de Song por tamanha perfeição.

Ouvindo isso, Liezi disse:

– Se a Mãe Natureza precisar de três anos para fazer uma folha, tudo aquilo que tem folhas vai ser tornar uma raridade. Por isso, o sábio deve se apoiar na sabedoria da natureza, e não na inteligência dos homens.

O SONHO DE ZHUANGZI

Zhuangzi



Uma vez, ao pôr do sol, Zhuangzi cochilava debaixo de uma árvore quando sonhou que havia se transformado numa borboleta.

Ele bateu asas, certo de que era uma borboleta...

Esvoaçou aqui e ali com tal regozijo que logo se esqueceu de que era Zhuangzi. E ficou confuso: era essa a magnífica borboleta que Zhuangzi havia sonhado, ou era essa borboleta que havia sonhado ser Zhuangzi?

Talvez Zhuangzi fosse a borboleta! Ou talvez a borboleta fosse Zhuangzi!

É esse o resultado da transformação das coisas.

庄
生
梦
蝶

O SONHO DO CAÇADOR

Liezi

Um lenhador de Zheng viu um veado no campo e o matou com um tiro. Com medo de ser pego, ele escondeu o veado sob folhas de bananeira. E foi embora contente.



Pouco depois ele se esqueceu do lugar onde tinha escondido o veado e pensou que o episódio tivesse sido um sonho. A caminho de casa, começou a conversar sozinho, falando alto sobre esse sonho. Quando falou mais uma vez, um carroceiro que vinha passando escutou suas palavras e imaginou onde o veado podia estar escondido. Logo encontrou o veado e o levou para casa.

Esse carroceiro falou para a sua mulher:

– O lenhador sonhou que tinha matado um veado e havia esquecido o lugar onde o tinha escondido. Eu então achei o veado. Neste caso, o sonho deve ser verdadeiro.

Sua mulher disse:

– Existia de fato um lenhador? Ou você sonhou com um lenhador? Embora você tenha agora o veado, isso não significa que o sonho seja verdadeiro.

O carroceiro respondeu:

– Eu tenho o veado. Não me interessa qual dos sonhos é verdadeiro, o dele ou o meu, o veado é verdadeiro.

Acontece que o lenhador tinha ido para casa muito triste por ter perdido o veado.

Naquela noite ele teve um sonho. No seu sonho apareceu o carroceiro que o tinha escutado enquanto ele falava sozinho e que, no fim, havia encontrado o veado.

Na manhã seguinte, seguindo seu sonho, ele achou esse homem e o veado. Levou então os dois ao juiz, esperando uma sentença favorável, que possibilitasse a ele recuperar o veado.

O juiz disse:

– Primeiro o lenhador matou o veado, mas pensou que fosse um sonho. Depois ele sonhou que tinha matado o veado e acreditou que isso fosse real. Ele encontrou o carroceiro que vinha passando e que pegou o veado real e, agora, acusa esse mesmo carroceiro, para recuperar seu veado. Como dizer que o carroceiro não pegou o veado do sonho de outro homem e sim do sonho do lenhador? Logo, o veado não é de ninguém. O veado está aqui e é real. Melhor então dividi-lo entre os dois.

O juiz achou o caso muito difícil e apelou ao rei Zheng. Este, sorrindo, fez a seguinte observação:

– Bom, pelo jeito vão dizer que o juiz sonhou com uma divisão do veado. Acho que esse caso deve ser levado ao conselheiro-mor.

O rei Zheng mandou o caso para o conselheiro-mor. Não demorou muito, veio a resposta:

– Não sei dizer se esse caso é sobre sonho ou realidade. E apenas sábios como Huangdi[1] ou Confúcio[2] podem diferenciar sonhos de realidade. Como os dois já morreram, recomendo que siga a sentença do juiz.



[1] Huangdi: lendário primeiro imperador chinês, que teria vivido antes de 2100 a.C.

[2] Confúcio (551-479 a.C.): filósofo e educador, fundou uma escola homônima que é a base da cultura chinesa. Defendia a benevolência, o amor filial, a lealdade e a justiça. Teve mais de três mil alunos. A sua obra está reunida em um volume intitulado “Analectos”. Viveu no período da Primavera e do Outono.



O PINTOR DE FANTASMAS

Han Feizi

Um dia o príncipe de Qi chamou um dos pintores que estavam trabalhando para ele.

- O que é mais difícil de pintar?
- Cachorros e cavalos são os mais difíceis.
- E o que é mais fácil?

– Fantasmas e monstros – disse o artista. – Cachorros e cavalos nos são familiares. A toda hora vemos um, seja de dia, seja de noite. Porém, é difícil pintá-los do jeito que eles são. Já os fantasmas e monstros não têm uma forma definida, e ninguém nunca os viu. Por isso são mais fáceis de serem pintados.

A CORÇA E O TIGRE

Liu Ji

Um tigre caçava uma corça, mas ela fugiu pulando e gritando na direção de um precipício. Ela pulou. O tigre também. Ambos morreram.

Yulizi^[1] fez um comentário:

– A corça precisava pular, pois, tendo o precipício na frente e o tigre atrás, não havia outra saída. Se a corça voltasse, seria devorada. Se pulasse no precipício, haveria uma pequena chance de se salvar, o que, em último caso, seria melhor do que ser devorada pelo tigre. Já o tigre, poderia parar ou seguir adiante, dependendo de sua vontade.



– Então, por que ele escolheu pular e morrer junto com a corça?
– Se a corça não tivesse pulado, o tigre não teria morrido. Isso mostra a estupidez do tigre diante da habilidade da corça. Os que são despóticos e avarentos como os tigres bem que poderiam aprender essa lição.

^[1] Yulizi é o pseudônimo do escritor Liu Ji (1311-1375). Em “Os autores”, no fim deste livro, há uma nota sobre ele.

O HOMEM MUITO SABIDO

Handan Chun



Existia no reino de Chu um homem muito sabido, mas muito pobre, que ficava em casa sem fazer nada. Um dia, ele leu num livro de magia uma frase que dizia assim:

– Para capturar o grilo, o louva-deus fica ao lado de uma folha e se dissimula como se fosse também uma.

O homem sabido pensou:

– Se eu achar uma folha assim, posso conseguir tudo o que desejo!

Ele deixou então seus estudos e foi de árvore em árvore à procura de uma folha com um louva-deus escondido.

Teve sorte. Eufórico, subiu na árvore para colher a folha onde estava escondido o louva-deus. Mas não conseguiu. O galho balançou e o louva-deus sumiu. A folha caiu no chão, misturando-se com as outras. O homem sabido tentou achar a folha do louva-deus, mas era difícil encontrá-la entre tantas outras. Sem alternativa, ele juntou todas as folhas do chão, colocou-as numa sacola e levou-as para casa.

Em casa, retirou uma folha da sacola, tapou o seu olho direito e perguntou à sua mulher:

– Você está me vendo?

A mulher, estranhando, respondeu:

– Sim, claro que estou te vendo!

– Então não é essa folha.

Ele pegou outra e repetiu a pergunta:

– E agora, você me vê?

A mulher respondeu:

– Como é que eu não vou te ver, homem?

Assim, ele foi testando as folhas da sacola, uma por uma, durante o resto do dia. Em certo momento, sua mulher estava tão aborrecida que decidiu livrar-se das perguntas:

– Não estou te vendo mais!

O homem sabido ficou muito contente e, sem dar nenhuma explicação, foi para o mercado.

Ele viu então as coisas boas que desejava e começou a pegá-las, sempre segurando a folha na mão, achando que assim ninguém o via. Logo ele foi preso e levado ao palácio para ser julgado. Ao chegar diante do juiz, ele contou do início ao fim a sua história. O juiz ouviu-o, deu uma gargalhada e o libertou.



AJUDANDO AS PLANTAS A CRESCEREM

Mêncio

Um homem da região de Song achou que os brotos na sua plantação estavam crescendo muito devagar. Ele puxou um por um para cima e voltou exausto para casa.

– Estou hoje muito cansado – disse para a sua família –, estava até agora ajudando as plantas a crescerem.

Seu filho correu até a plantação para ver o que tinha acontecido e encontrou todas as plantas mortas.



O REI DRAGÃO QUE VIROU PEIXE

Liu Xiang

O rei Dragão^[1] tomou a forma de peixe para nadar nas águas de um rio. Um pescador que passava por ali atirou uma flecha e furou o olho do peixe. O rei Dragão subiu depressa ao céu para reclamar ao Deus dos Deuses.

O Deus dos Deuses perguntou:

– No momento em que o pescador lançou a flecha, ele te via na forma de um dragão ou na forma de um peixe?

– Nesse momento ele me via como um peixe – disse o rei Dragão.

O Deus dos Deuses respondeu:

– Se um pescador viu um peixe e o visou com uma flecha, por que você vem aqui reclamar?

^[1] Dragão: animal fabuloso, representado normalmente por uma serpente coberta de escamas, geralmente com garras de leão e que expele fogo pela boca. Na história antiga, era associado com o imperador.

O MACACO DOURADO QUE COMIA CÉREBRO DE TIGRE

Wang Shizhen



Havia no Sul da China um macaco esperto e bonzinho. Ele tinha o pelo dourado e vivia em cima das árvores. Um tigre muito feroz tinha feito amizade com esse macaquinho. Ao descansar debaixo da árvore, o macaquinho vinha coçar sua cabeça. O cafuné era tão gostoso que o tigre logo adormecia.

Com o tempo, o macaquinho abriu um buraco na cabeça do tigre. Mas o tigre não percebeu, porque o cafuné era muito gostoso. Então, pouco a pouco, o macaquinho começou a comer o cérebro do tigre. Nesses momentos, ele suspendia o cafuné para levar à boca os pedacinhos de cérebro.

O tigre resmungava:

– Ah, por que parou o cafuné?!

O macaquinho comia sem pressa o cérebro do tigre e voltava a fazer cafuné, deixando-o de cabeça vazia. O tigre, que não percebia o que estava acontecendo, ficava muito calmo. Um dia chegou a dizer:

– Estou me sentindo melhor. Hoje passei o dia de cabeça tão cheia!

Uma vez o macaquinho acordou o tigre para lhe oferecer um pedaço do cérebro. O tigre não gostou. O macaquinho disse:

– Come! Estava passando no mercado e me deram essas iguarias deliciosas. Se comer, quem sabe um dia se torna o rei dos animais! Pensei logo no senhor, porque me disseram que esse tipo de comida tem poderes milagrosos.

O tigre comeu pedacinhos do próprio cérebro, mas achou-os um pouco sem gosto. Agradeceu assim mesmo a gentileza do macaquinho.

Finalmente, um dia o tigre começou a sentir uma terrível dor de cabeça. O macaquinho ainda tentou explicar ao tigre que essa dor vinha das incomodações dos outros animais da floresta, que o deixavam de cabeça cheia. O tigre gostou da explicação.

Uma semana mais tarde, o tigre percebeu o que estava realmente acontecendo. Era tarde, o macaquinho já tinha fugido para o alto de um coqueiro. O tigre urrou de dor durante três dias, pulando de um lado para o outro, até que bateu a cabeça numa pedra e morreu.

猢
吃
虎
脑

TIGRE VERSUS TIGRE

Liu Xiang

Certa vez os guerreiros Guan Zhuangzi e Guan Yu vinham por um caminho quando encontraram dois tigres brigando por carne humana. Guan Zhuangzi foi logo pegando a espada para matá-los.

– Não faça isso – gritou Guan Yu.

Guan Zhuangzi quis saber o motivo:

– Está com medo?

– Os tigres gostam muito de carne humana – explicou Guan Yu –, e ficam ferozes se interrompidos quando comem. Veja bem, são dois tigres lutando pela comida. O mais fraco deles será morto. Além disso, o sobrevivente estará ferido por causa dessa luta. Basta esperar e matar apenas um. Todo mundo vai saber que você matou dois tigres, mas se fizer do jeito que falo, não será com muito esforço.

Guan Zhuangzi decidiu seguir esse conselho. Pouco depois, quando um dos tigres estava morto, ele matou o outro sem muito esforço.



O GATO VEGETARIANO

Youxizhuren

O gato achou que estava ficando velho demais para pegar rato. Colocou um colar de monge ao redor do pescoço e saiu para passear. Os ratos ficaram muito surpresos com a mudança, pois monges geralmente não comem carne.

– O gato agora é vegetariano – gritou um deles, correndo para anunciar a novidade.

Depois de uma longa reunião, os ratos decidiram ir em cortejo agradecer ao gato por uma decisão tão sábia. Um pequeno grupo decidiu não participar da cerimônia de agradecimento, dizendo que podia se tratar de um truque do gato.

O cortejo já era esperado pelo gato e tudo saía conforme ele havia planejado. Ele partiu então para o ataque, agarrando três ratos, dos grandes, e devorou-os ali mesmo, na frente dos outros, que fugiram apavorados.

Os ratos reuniram-se novamente para discutir a situação. Um deles disse:

– Eu bem que avisei que podia ser um truque!

Houve quem não apreciasse esse comentário. Um rato que ali estava de visita explicou:

– Esse fato apenas comprova que os gatos vegetarianos são mais ferozes do que os carnívoros!

Depois disso, suspenderam a reunião para observar melhor o comportamento do gato.



A FELICIDADE DOS PEIXES

Zhuangzi

Um dia Zhuangzi e Huizi^[1] estavam atravessando uma ponte sobre um rio. Zhuangzi olhou para as águas e disse:

– Olhe como os peixes estão nadando felizes!

Huizi ficou surpreso:

– Como você sabe que eles estão felizes? Você não é um peixe!

Zhuangzi não deixou por menos:

– E você não é eu. Como sabe que eu não sei que os peixes estão felizes?

A situação pareceu complicar-se.

– Claro que eu não sou você – falou Huizi –, e eu não sei o que você pensa. Mas tenho certeza de que você não é um peixe. Assim, não sendo peixe, nunca poderá saber se o peixe está nadando feliz.

Zhuangzi esperou que Huizi acabasse de falar, permaneceu em silêncio por instantes e disse, como se encerrasse a conversa:

– Veja bem, quando você me perguntou como eu sabia que os peixes estavam felizes, já sabia que eu sabia que os peixes estavam felizes. E eu tinha certeza disso observando-os do alto da ponte.



[1] Huizi (300?-400? a.C.), da época dos Estados Combatentes, era conselheiro do rei Liang e célebre orador que gostava de polêmicas. Também era um homem com grandes conhecimentos de ciências naturais.

O USO DAS METÁFORAS

Liu Jingshu



O rei Liang[1] havia proibido as parábolas, e Huizi era um sábio conhecido por usá-las quando queria explicar alguma coisa.

Um hóspede do rei comentou:

– Huizi é um sábio porque sabe explicar os fatos utilizando as parábolas de maneira apropriada. Se Vossa Majestade proibir o uso delas, Huizi não poderá mais falar.

O rei ficou pensativo e, no dia seguinte, em audiência com Huizi, disse-lhe:

– Daqui para frente, você, meu conselheiro, deverá falar direto, sem rodeios e meias palavras.

Huizi respondeu:

– Suponhamos que um homem não saiba o que seja uma catapulta e que ele me pergunte que forma ela tem. O que respondo para ele? Que a catapulta tem a forma de uma catapulta? Acha que ele vai entender?

– Claro que não – respondeu o rei.

– Mas suponhamos que alguém diga a esse mesmo homem que uma catapulta tem a forma de um arco, com uma corda feita de bambu, e que é

uma máquina de guerra para atacar um alvo com grandes pedras. Nesse caso, acha que ele me entenderia?

– Sim, você estaria sendo claro.

Huizi concluiu:

– Parábola ou metáfora nada mais são do que explicar alguma coisa ou assunto difícil por meio de um exemplo que a outra pessoa conhece, facilitando o entendimento e a compreensão. Se eu não posso utilizá-las, como poderei explicar algum assunto ou coisa para Vossa Majestade?

O rei Liang pensou um pouco e depois concordou com Huizi.

惠
子
善
譬

[1] Liang: um dos feudos da dinastia Zhou (1100-221 a.C.), que mudou de nome para reino de Wei, um dos Três Reinos.

A CORUJA QUE QUERIA MUDAR DE CASA

Liu Xiang

A coruja encontrou uma pombinha.

– Aonde vai? – perguntou a pombinha.

– Estou de mudança para bem longe – respondeu a coruja.

– E por quê? – quis saber a pombinha.

– Todo mundo aqui detesta o meu pio – respondeu a coruja. – Por isso estou indo embora.

– Se mudar de voz, tudo bem – disse a pombinha. – Mas se não mudar, mesmo indo para longe as pessoas continuarão a não gostar de você.



A RAPOSA E O TIGRE

Liu Xiang



Um tigre agarrou uma raposa na floresta e decidiu matá-la para comê-la no almoço. A raposa, muito esperta, disse ao tigre:

– Se eu fosse você, não me comeria. Sou uma enviada do Imperador do Céu para ser o rei dos animais. Ele vai ficar muito desgostoso ao saber que você me matou por causa de uma simples refeição.

O tigre exclamou:

– Ah, é?!

– Se duvida do que estou dizendo, vem atrás de mim, vamos passear na floresta. Vai notar que os animais ficarão aterrorizados ao me verem.

O tigre aceitou a proposta.

Os dois foram para a floresta, a raposa na frente, o tigre logo atrás. Em pânico, todos os animais fugiam. O tigre ficou espantado. Ele não percebeu que os animais fugiam dele, e não da raposa.



O PEIXE SOBRENATURAL

Liu Jingshu

Na beira de um caminho existia uma figueira frondosa. Toda vez que chovia, seu tronco enchia-se de água, pois estava oco. Um dia passou por ali o dono de uma peixaria. Ele sentou-se debaixo da árvore para descansar. Ao descobrir o oco no tronco da figueira, jogou dentro dele um peixe.

Algum tempo depois veio por esse mesmo caminho um viajante. Ele ficou maravilhado ao descobrir que aquela árvore era capaz de dar peixes.

– Deve ser um peixe santo – disse.

A notícia espalhou-se. Veio gente de todo lugar para ver o peixe sobrenatural. Rezavam e faziam oferendas ao peixe santo. O lugar ficou muito conhecido, inclusive com uma feira próspera, onde se vendia de tudo.

Acontece que passou por ali outra vez o dono da peixaria. Vendo as consequências de seu gesto, ele pescou o peixe e o comeu frito na frente de todo mundo.

Desde então, ninguém mais veio queimar incenso debaixo dessa figueira.

O PORCO DE CABEÇA BRANCA

Zhu Fu

Na região de Liaodong^[1], todos os porcos têm a cabeça preta. Um criador de suínos, no entanto, ficou surpreso ao ver nascer um porquinho de cabeça branca. Todo mundo admirou o porquinho tão diferente.

O criador de porcos ficou muito contente. Ele decidiu então apresentar o porquinho de cabeça branca para o imperador. Porém, ao chegar na região de Hedong^[2], onde estava o imperador, viu que todos os porcos daquela região tinham a cabeça branca.



^[1] Liaodong: ao leste da atual província de Liaoning, no Nordeste chinês.

^[2] Hedong: denominação antiga da região para onde corre o rio Amarelo, atual província de Shanxi, Norte da China. O rio Amarelo é o segundo maior rio da China, a sua nascente se localiza na província de Qinghai, Norte do país, e deságua no mar Bohai, ao leste.

O LAGO

Shao Bowen

Wang Anshi, primeiro-ministro na dinastia dos Song, tinha grande interesse no desenvolvimento do país. Um dia, um homem que procurava cair nas suas boas graças lhe fez a seguinte proposta:

– Secando uma parte do lago Liangshanbo^[1], por volta de 800 li^[2], o senhor terá uma grande quantidade de terras férteis.

Wang gostou dessa ideia. E quis saber:

– Mas para onde levaremos a água do lago?



^[1] Lago Liangshanbo: localizado na cidade de Chongqing, no período das Cinco Dinastias (907-960), era um lago estratégico, já que na época a China enfrentou um longo período de estiagem.

^[2] Li: antiga medida chinesa, equivalente a quinhentos metros.



O LOBO DE ZHONGSHAN

Ma Zhongxi

Zhao Jianzi, um funcionário muito importante do reino de Jin, organizou uma caçada na montanha. Ao ver um lobo, perseguiu-o, acertando-o nas costas com uma flecha. Mesmo ferido, o animal continuou a fugir. Estava por perto Mestre Dongguo, um velho letrado e moísta^[1], conhecido pelo seu bom coração. Ele tinha ido a Zhongshan em busca de emprego. Tinha saído bem cedo com seu burro, levando um saco cheio de livros. Ao vê-lo, o lobo, aterrorizado, deixou de correr e disse:

– Que bom vê-lo, Mestre! Sempre pronto para socorrer quem está precisando, não é mesmo? Tempos atrás, Mao Bao libertou uma tartaruga branca e depois foi ajudado por ela na hora de atravessar um rio. Mais tarde socorreu uma cobra e ela deu para ele uma pedra preciosa como forma de agradecimento. Tanto a tartaruga como a cobra não são tão delicadas quanto um lobo. Se me esconder dentro desse saco, estará me salvando a vida. E eu ficarei agradecido para sempre, assim como a tartaruga e a cobra.

Mestre Dongguo olhou para o lobo e disse:

– Se esconder um lobo fugitivo, estarei indo contra os que mandam no reino de Jin e atrairei a ira deles contra mim. Mas se você, lobo, conseguir escapar com a minha ajuda, certamente me retribuirá de alguma forma. Mas não é só isso. Mozi diz que o princípio mais importante na vida é o amor ao próximo. Só por isso vai receber uma ajuda, mesmo que signifique uma desgraça, porque não posso ir contra os meus princípios.

Mestre Dongguo tirou seus livros de dentro do saco e tentou por três vezes colocar dentro dele o lobo, com todo o cuidado, para não machucá-

lo. O lobo, desesperado, disse:

– Rápido, mestre! O senhor tem que pensar logo numa solução!

Assim, o lobo encolheu-se e ficou arqueado como um porco-espinho, enrolado como uma cobra, a cabeça tão escondida como a de uma tartaruga. Mestre Dongguo seguiu então as recomendações do lobo e o colocou junto com os livros, amarrando a boca do saco bem firme e o colocando nas costas do burro.

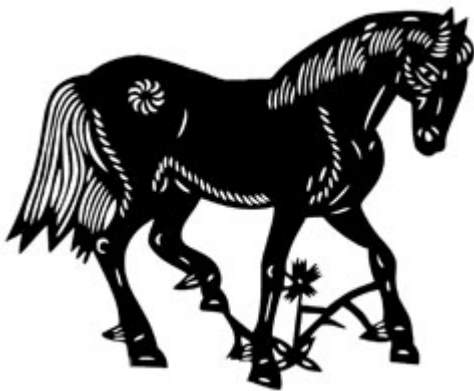
Quando Zhao Jianzi chegou, não viu o lobo e ficou furioso. Cortou com a espada um dos eixos do carro e ameaçou:

– Quem ousar esconder o lobo terá o mesmo destino dessa roda!

Mestre Dongguo deitou-se no chão e disse:

– O seu humilde servo é muito estúpido, mas tem o desejo de realizar coisas muito importantes no mundo. Eu venho de longe e estou perdido. Como poderia saber para onde fugiu o lobo? Além do mais, lobo é um animal muito astuto. Como é que vou saber onde ele está? – Eu sou uma pessoa muito humilde. Já os lobos, são traiçoeiros e cruéis. Claro, farei todo o possível para avisá-lo se souber de alguma coisa. Mas fique sabendo: jamais eu esconderia um lobo de Vossa Excelência.

Zhao Jianzi escutou em silêncio, deu as costas e foi embora. Mestre Dongguo seguiu então na direção oposta, forcejando com o burro, porque a carga tinha ficado mais pesada.



Logo que o lobo achou que os caçadores tinham se distanciado, gritou de dentro do saco:

– Mestre, me ajude a sair de dentro do saco e tire essa flecha do meu lombo!

Pouco depois, livre, o lobo começou a gritar:

– Mestre, o senhor me salvou há pouco dos caçadores que me perseguiram e eu nem sei como agradecer.

Agora, estou morrendo de fome. Já que o senhor é seguidor de Mozi e gosta de ajudar o próximo, por que o senhor quer continuar vivendo, se sua vida pode salvar a minha?

– Como assim? Não entendi...

O lobo jogou-se então, de boca aberta e garras afiadas, sobre Mestre Dongguo. Ele, muito assustado, começou a se defender e a gritar que o lobo era muito ingrato, e os dois ficaram correndo em volta do burro.

O lobo respondeu:

– Eu não queria ser ingrato, mas pessoas como você são muito ingênuas e foram criadas para serem devoradas por nós!

O sol começou a se pôr e Mestre Dongguo pensou, nervoso:

– Está escurecendo muito depressa. Se vier a alcateia, aí é que morro de verdade.

Fez então uma proposta ao lobo:

– De acordo com o costume popular, quando a gente tem uma dúvida, deve perguntar para quem tem mais idade e experiência. Vamos então procurar três opiniões diferentes. Se acharem que eu tenho de ser devorado, você me devora. Mas se acharem que eu mereço continuar vivendo, sinto muito, não poderá me comer.

O lobo ficou feliz e seguiu com Dongguo pela estrada, à procura de quem fosse mais velho e mais experiente.

Depois de algum tempo, encontraram uma velha árvore na beira da estrada. O lobo, ávido, sugeriu que Dongguo explicasse a situação para ela. Mestre Dongguo respondeu ao lobo:

– As plantas são ignorantes. De que adianta perguntar?

O lobo disse:

– Pergunta, que ela vai responder.

Sem alternativa, Mestre Dongguo fez um gesto de reverência à velha árvore e contou o que tinha acontecido.

– Pelo que contei, acha que mereço ser comido por este lobo?

Algumas folhas, ainda verdes, começaram a farfalhar, e a árvore disse:

– Eu sou uma amendoeira. Anos atrás, quando o meu dono me plantou, só gastou uma semente. Depois de um ano, dei flores. Depois de dois anos, frutos. E depois de três, o meu tronco ficou bem grosso. E dez

anos depois, dois homens não conseguiam me abraçar. Agora já se passaram vinte anos. Nesse tempo todo, meu dono e sua mulher comeram os meus frutos. Não só eles, mas também as visitas. Os criados vendiam o que sobrava no mercado. Eu fiz muito para o meu dono. Agora que envelheci, não frutifico mais. Meu dono fica bravo e me poda sem nenhum cuidado. Pensa até em me derrubar, pegar minha madeira e vender para um carpinteiro. Uma inútil como eu, quando chega na velhice, só pensa em não cair na desgraça de um machado.

“Que gratidão espera do lobo? Ilusão pensar em escapar da morte. O lobo deve te comer!”

Mal a velha amendoeira acabava de falar, o lobo veio lambendo os beiços, preparando-se para dar o bote. Mestre Dongguo advertiu-o:

– Olha, lobo, nada de quebrar promessa. Combinamos conseguir três opiniões diferentes e estamos na primeira. Nada de se apressar, achando que já tem a resposta!

O lobo ficou muito nervoso e, pouco depois, ao avistar uma velha vaca que tomava os últimos raios de sol, disse ao Mestre Dongguo:

– Essa vaca é bem velhinha. Ela pode ser a segunda da lista.

Mestre Dongguo respondeu sarcástico:

– Agorinha mesmo você me pediu que expusesse o problema para uma planta ignorante, que só me prejudicou. Agora, uma vaca? Ah, assim não dá! Vaca é apenas um animal doméstico e me nego a perguntar qualquer coisa para ela!

O lobo respondeu:

– Melhor perguntar, porque estou com muita fome.

Não tendo saída, Dongguo fez um sinal de reverência à vaca e contou do início ao fim o que tinha acontecido. No fim, perguntou se ele merecia ser comido pelo lobo.

A vaca franziu a testa, arregalou os olhos, deu uma lambida no nariz, abriu a boca e disse:

– A velha amendoeira tem razão! Quando eu era nova, os meus chifres eram do tamanho de um bicho-da-seda, mas muito fortes. Meu dono me trocou por uma faca, para que eu ajudasse os bois a lavrarem a terra. Depois os bois envelheceram, não conseguiam mais trabalhar e eu tinha de fazer todo o trabalho sozinha, arando terra a perder de vista.



“Meu dono saía pra caçar e quem é que puxava a carroça? Euzinha, aqui! Corria atrás dele, para não me perder.

“Quando ele mesmo queria arar, me tirava da canga, mas eu ia na frente, arrancando os espinhos. Eu era sua mão direita e sua mão esquerda. Eu contribuía para que não faltassem comida e roupa em casa. Eu levava e buscava as filhas e as noras nos casamentos. Era eu que pagava os impostos, transportava os grãos e enchia o celeiro.

“Antigamente, na casa do meu dono, não havia sacos de grãos sobrando. Agora, depois de pagar os impostos, ainda sobra uma porção.

“Antes, meu dono não tinha ninguém que cuidasse dele e vivia sem segurança nenhuma. Agora anda de peito aberto, balançando os braços pra lá e pra cá.

“Antes as garrafas de vinho do meu dono viviam empoeiradas. Seus lábios eram rachados, nunca tinham pousado numa taça. Agora ele mesmo faz o vinho, bebe-o em taças finas e se exhibe, orgulhoso, na frente de sua mulher.

“Antigamente, ele vestia calças arregaçadas nas canelas e a sua camisa era um remendão só. Só conseguia ser amigo de pedras e de plantas. Não tinha onde colocar as mãos. Não sabia o que era saber. Agora, carrega em suas mãos livros, anda de chapéu e de cinto, todo elegante. Cada fio, cada grão, cada coisa em sua casa foram obtidos com o meu trabalho.

“O meu dono, vendo que eu já estou velha e cansada, me expulsou para esta parte solitária do descampado. Quando sopra o vento frio, meus

olhos doem de tão secos. Estou sozinha e sem ninguém. Magra como um palito. Minhas lágrimas secaram. Não consigo mais controlar a saliva dentro de minha boca. Mal consigo ficar em pé. Estou perdendo pelos e ninguém passa remédio em minhas feridas.

“A mulher do meu dono é má e invejosa. Fica o dia inteiro falando pra todo mundo que eu sou um traste velho e inútil. Diz que se eu for levada para o matadouro, pelo menos podem conseguir carne seca para comer, couro para curtir, ossos e chifres para instrumentos. Vive dizendo ao seu filho: ‘Você tem curso de magarefe, por que não amola essa faca e faz o serviço?’.

“A situação para mim está feia, como pode ver. Nem sei onde vou morrer. Prestei valiosos serviços ao meu dono mas, e daí? Meu dono é um ingrato, apesar de todo o meu esforço.

“Que gratidão esperar então de um lobo? Ilusão a sua, querer escapar da morte. Se quer saber minha opinião, o lobo deve te comer!”

O lobo abriu a boca para pegar Mestre Dongguo, mas parou no meio do caminho ao ouvir:

– Calma! Pra que essa pressa toda?

Nesse momento, viu um velhinho vindo pela estrada, apoiado na sua bengala. Mestre Dongguo correu na sua direção, ajoelhou-se diante dele e disse, chorando:

– Senhor, uma palavra de sua boca pode salvar minha vida!

O velhinho quis saber o que estava acontecendo.

– Este lobo estava sendo perseguido pelos caçadores e me pediu ajuda. Ajudei. Salvei a vida dele. Agora ele quer me devorar. Eu lhe suplico, diga alguma coisa a meu favor, que ele descubra o grande erro que está cometendo.

“Como quis ganhar tempo, combinei com ele pedir outras opiniões, mas de quem tivesse mais experiência e mais idade. Primeiro, encontramos uma velha amendoeira. O lobo disse que ela devia ser consultada. Como o senhor sabe, as plantas são estúpidas, e a opinião dela quase me leva à morte.

“Depois, encontramos uma velha vaca. Os animais também são estúpidos, como o senhor sabe, e ela também achou que eu devia ser comido pelo lobo. Foi então que avistamos o senhor vindo pelo caminho. Pode, por gentileza, dizer algumas palavras justas a meu favor?!”

Ao dizer essas palavras, Mestre Dongguo bateu várias vezes a cabeça no chão, em sinal de reverência.

O velhinho, ouvindo o relato de Dongguo, deu um grande suspiro e bateu com a bengala no chão. Ele disse ao lobo:

– Você errou, lobo! Em vez de agradecer, comete essa ingratidão! E que ingratidão! Recebe ajuda e nem agradece? Devia agradecer, como diz Confúcio, agradecer quando recebe uma ajuda, dentro e fora de casa. Até tigre e lobo têm de retribuir o que receberam. Alguma vez já agradeceu ao seus pais, lobo?!

O lobo disse:

– É que o senhor não está entendendo. Melhor eu contar: há pouco, quando eu pedi ajuda para esse Mestre Dongguo, ele me amarrou as patas e me jogou para dentro do saco, empilhando livros em cima de mim. Esmagado debaixo dos livros, eu nem podia respirar. Em seguida, quando o caçador chegou, eles ficaram conversando durante muito tempo. Mestre Dongguo queria que eu morresse sem ar dentro do saco, pois assim poderia vender minha pele por um bom dinheiro. Um tipo de gente como essa não merece ser devorada?

– Eu não acredito em nada do que está falando – disse o velho. – Entre de novo no saco, pois quero saber, por mim mesmo, se você estava muito apertado junto com os livros.

O lobo aceitou alegremente e entrou de novo para dentro do saco.

– Você tem uma faca? – perguntou o velho, bem baixinho, na orelha do Mestre.

– Sim – ele respondeu, passando-lhe a faca.

Imediatamente o velho fez sinal que o Mestre enfiasse a faca no saco. Mestre Dongguo gritou:

– Se eu fizer isso, vou machucar o lobo!

O velho começou a rir:

– Você hesita em matar um animal feroz que lhe foi tão ingrato? Você é muito bom, Mestre, mas você é também muito bobo.

Em seguida, ele ajudou Mestre Dongguo a passar a faca na garganta do lobo e seguiram caminho, deixando o cadáver na estrada.

[1] Moísta: seguidor do filósofo chinês Mozi (468?-376? a.C.) do Período da Primavera e do Outono e um dos pilares da filosofia chinesa, ao lado do confucionismo e do taoismo. Essa doutrina defende o amor entre as pessoas e a paz, bem como a recusa das coisas materiais.

A FORÇA E A SABEDORIA

Liu Ji

Yulizi diz que a força do tigre é, sem dúvida alguma, superior à do homem. O tigre possui garras e dentes afiados e fortes, e o homem não. Logo, é natural que o homem seja devorado pelo tigre. Contudo, é raro se ter notícia de homem devorado por tigre, mas é frequente encontrar tapete de tigre nas casas.

O que acontece?

O tigre usa a força, enquanto o homem usa a inteligência. O tigre possui apenas garras e dentes afiados, enquanto o homem maneja armas. A força é equivalente a um, mas a inteligência é equivalente a cem. O tigre atua sozinho, enquanto o homem atua em grupo. Um tigre sempre perderá, caso lute contra cem homens, mesmo sendo feroz. Um homem só será alimento de tigre se for impedido de usar a sua inteligência ou de usar as suas armas.

Por isso é que se diz que um homem que usa apenas a sua força e não a sua inteligência, ou atua sozinho e não em grupo, é considerado um tigre. Então, por que não usar as peles dessas pessoas nas casas, como tapetes?





UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

Liu Xiang

Certa vez um caçador preparou uma armadilha para pegar um tigre no alto de uma montanha. Essa armadilha era de aço. Bastava o tigre tocá-la com a pata para que ela se fechasse, prendendo-o até a chegada do caçador.

Pouco depois veio o tigre pela trilha. Ele estava com fome e cansado. E então, pisando nas folhas secas, ouviu um clique de metal, seguido de uma dor muito forte na pata direita. Sua reação foi a de um animal que compreende que está correndo um grande perigo.

Ele urrou de dor e pouco depois se calou, concluindo que os urros não iriam deixar livre sua pata. Assim mesmo tentou de tudo para se ver livre da armadilha. No fim, começou a pular, desesperado, até que sua pata se partiu, ficando na armadilha, e ele se viu livre do caçador, que já se aproximava.

A DIREÇÃO ERRADA

Liu Xiang

O rei de Wei[1] preparava um ataque à Handan[2]. Ji Lian sabendo disso, sem trocar de roupa e sem mesmo pentear os cabelos, foi à procura do rei para uma audiência. Chegando ao palácio, disse ao rei:

– Alteza, hoje, quando vinha para a sua audiência, vi um homem indo para o norte. Eu quis saber para onde ele ia. Ele respondeu que ia para o reino de Chu[3]. Eu achei estranho e indaguei: “Se deseja ir para o reino de Chu, por que segue para o norte?”. Ele me respondeu: “Porque tenho bons cavalos”. Ponderei: “Mesmo com bons cavalos, esse não é o caminho que leva ao reino de Chu”. E o homem respondeu: “Eu tenho muitos cavalos”. Eu retruquei: “Mesmo tendo muitos cavalos, esse não é o caminho que leva ao reino de Chu”. O homem respondeu: “Eu tenho bastante ouro para as despesas da viagem”. Eu repliquei: “Mesmo com muito dinheiro, esse não é o caminho que leva ao reino de Chu”. O homem respondeu: “Eu tenho ótimos cavaleiros, capazes de conduzir os cavalos até o reino de Chu”. Eu falei: “Por mais que você tenha muitos e bons cavalos, com ótimos cavaleiros, jamais chegará ao reino de Chu seguindo na direção errada”. Agora as ações do rei estão todas concentradas no domínio e na conquista. Mas se Vossa Alteza ficar dependendo apenas da grande extensão do seu reino e da força de suas tropas para atacar Handan, com a finalidade de ampliar as fronteiras e ser mais famoso, vai conseguir um resultado oposto ao desejado e se afastará cada vez mais de seus objetivos. É como ir ao reino de Chu pela direção errada.



[1] Wei: um dos reinos Combatentes (475-221 a.C.), localizado ao nordeste da atual província Shanxi, no Norte da China.

[2] Handan: nome de uma antiga cidade chinesa, localizada ao sul da província Hebei, Norte da China. Na época dos Estados Combatentes era a capital do reino de Zhao.

[3] Chu: um dos reinos dos Estados Combatentes. Sua capital existia na atual província de Hubei, no Centro-Norte da China. Era um dos maiores reinos do período, chegando a ocupar as atuais províncias de Henan, Anhui, Jiangsu, Zhejiang, Jiangxi e Sichuan. Foi totalmente destruída pelo rei de Qin em 223 a.C.

OS AUTORES

Chen Renxi (1581-1636) foi compilador histórico da antiga Academia Imperial Chinesa. A sua fábula “Amolando uma barra de ferro” foi escolhida para fazer parte da presente antologia.

Han Feizi (280?-233? a.C.) era um grande pensador, político e legislador do período dos Estados Combatentes. Nasceu em uma família nobre do reino Han, localizado entre o leste da atual província de Shanxi e o noroeste da província de Henan. Defendia uma forte reforma do Estado. Seus inimigos atribuíram-lhe crimes que ele não havia cometido. Foi incriminado, preso e se matou na prisão.

A sua obra foi reunida num livro chamado Hanfeizi, em que utiliza fábulas e parábolas para defender a sua doutrina jurídica. As suas fábulas e parábolas têm um fundo histórico, com uma linguagem objetiva, argumentos fortes e sem poupar ninguém.

No presente volume foram selecionadas as fábulas “Esperando um coelho”, “O homem que vendia lanças e escudos”, “O estojo e as pérolas” e “O homem que queria comprar sapatos”.

Handan Chun (132-?) era um literato talentoso do reino Wei, do período dos Três Reinos. Tornou-se famoso por ser o primeiro escritor de comédia em prosa na China, deixando várias publicações. A sua linguagem era sarcástica em relação à realidade da época, e ele registrou as ações de pessoas comuns querendo tirar vantagens fáceis.

A parábola selecionada no presente volume, intitulada “O homem muito sabido”, acontece no período dos Estados Combatentes (220 a.C.). É uma sátira social, revelando mais uma época em que a China se encontra esfacelada, dividida entre três reinos (Wei, Shu, Wu-220-280), e novamente marcada pela instabilidade social e política. O personagem da história retrata a situação do povo desse período, sem muitas perspectivas, que muitas vezes vai buscar em livros de magia uma forma de riqueza fácil e milagrosa.

Liezi (séc. III a.C.): o seu nome era Lie Yukou. O sufixo zi em chinês indica sinal de deferência aos sábios. Ele viveu no período dos Estados Combatentes e viveu no reino de Zheng. Fazia parte da corrente filosófica taoista. A sua doutrina valorizava a simplicidade e a exploração autossustentável do meio ambiente. O período de autoria de seus livros até hoje suscita discussão. Ele participa da seleção com “O velho louco que removeu as montanhas”, “Uma folha em três anos”, “Três bananas de manhã” e “O sonho do caçador”.

Liu Ji (1311-1375) era mandarim na dinastia Yuan (1271-1368) e teve de abandonar o cargo por ter dado apoio ao general Zhu Yuanzhang, que se tornou o imperador fundador da dinastia Ming (1368-1644). Exerceu o cargo de ministro da Astronomia e recebeu o título de Conde da Sinceridade. Quatro anos mais tarde, caiu em uma armadilha armada por outros mandarins e morreu de desgosto. Deixou o livro Conde da Sinceridade, e no pseudônimo do autor “Yulizi” reúne as fábulas que exerceram grande influência nas gerações posteriores. Participa desta seleção com “A força e a sabedoria”, “A corça e o tigre” e “O pássaro de nove cabeças”.

Liu Jingshu (390-470) exerceu o cargo de mandarim na corte imperial, mas afastou-se da vida pública por motivo de saúde. As suas narrativas geralmente envolvem o sobrenatural. Participa desta seleção com “O peixe sobrenatural” e “O uso das metáforas”.

Liu Xiang (77-6 a.C.) era descendente de nobres. Foi preso duas vezes, por críticas políticas. Exerceu o cargo de mandarim sênior, responsável pela reorganização da Biblioteca Imperial, realizando a primeira catalogação e compilação de livros da China, após a queima de livros feita pelo imperador Qin (221-206 a.C.). Foi um grande divulgador da doutrina confucionista e escreveu vários livros, entre eles Estratégias de guerra e Ditos sutis. Nesta seleção participa com “O rei Dragão que virou peixe”, “A conclusão do príncipe de Wu”, “A coruja que queria mudar de casa”, “A raposa e o tigre”, “Uma questão de vida ou de morte”, “Tigre versus tigre” e “A direção errada”. Estratégias de guerra é o livro mais conhecido de Liu Xiang. Nesse livro, ele registra em prosa os fatos históricos e acontecimentos ocorridos de 475 a.C. a 221 a.C., tendo como base as estratégias e opiniões expressas por conselheiros da época. Acredita-se que tais estratégias e opiniões tenham sido reunidas num volume de 33 capítulos entre o final do período dos Estados Combatentes até as dinastias Qin e Han (221 a.C. a 220 d.C.). A obra ficou perdida durante um longo tempo, sendo recuperada na dinastia Song (960 d.C. a 127 d.C.), numa versão que chegou até os dias atuais. As fábulas e as parábolas têm uma linguagem objetiva e realista, na intenção de obter resultados imediatos.

Lü Buwei (?-235 a.C.) foi primeiro-ministro do reino de Qin, no final do período dos Estados Combatentes, reuniu e editou os escritos da época na obra intitulada Primavera e Outono da família Lü, em 26 volumes, com mais de 160 capítulos e 220 mil caracteres chineses, contendo mais de trezentas fábulas. Participa desta seleção com “Marcando o barco para achar a espada”.

Ma Zhongxi (1446-1512) exercia o cargo de censor na corte imperial. Chegou a ser preso por desavenças com um eunuco. Mais tarde, defendeu uma rebelião camponesa e não teve a mesma sorte de antes, vindo a morrer na prisão. Participa aqui com “O lobo de Zhongshan”.

Mêncio ou Mengzi (372?-289 a.C.) é considerado o maior sucessor de Confúcio. Mêncio sentiu-se na obrigação de oferecer seus conhecimentos para contribuir para o bem da sociedade, procurando um príncipe de grande valor que tivesse capacidade de restabelecer a paz e restaurar valores antigos no império. Assim, andou por diversos reinos ou feudos, visitou reis e duques, tudo isso na esperança de encontrar um soberano que fosse capaz de aceitar e realizar suas ideias de um Bom Governo.

O tempo em que viveu, no entanto, era uma época muito turbulenta. Ninguém o apoiou porque todos os estados estavam ocupados demais em conquistar uns aos outros ou em defender-se de cobiças. Todos os príncipes queriam dominar o Império Chinês. Nesse caso, a tese do Bom Governo – do Governo Benevolente – defendida por Mêncio não tinha lugar naquela época.

Não encontrando quem o escutasse, Mêncio recolheu-se e dedicou-se a escrever o livro denominado Mêncio, uma obra composta por diálogos entre ele próprio e os reis e duques que havia visitado. Assim, os diálogos têm como tema central o Bom Governo e tratam das grandes conquistas atingidas por meio das virtudes.

A fábula escolhida para este livro é “Ajudando as plantas a crescerem”.

Peng Duanshu (1699-1779) foi mandarim com o cargo de historiador e depois prefeito. Mais tarde retirou-se da vida pública para estudar chinês antigo, tornando-se um erudito muito considerado. Os seus escritos foram reunidos no livro intitulado Baihetang. Participa da presente seleção com “Dois monges”.

Shao Bowen (1037-1134) era um eminente professor da linha confuciana e exerceu cargo no nível de condado. A sua fábula “O lago” integra a presente antologia.

Shen Buhai (385?-337? a.C.) era um jurista do reino de Zheng, no período dos Estados Combatentes, antes da era atual (475-221). Exerceu o cargo de primeiro-ministro do reino de Han durante quinze anos. A sua fábula “O amor pelos dragões”, neste volume, é considerada uma das obras-primas das fábulas chinesas.

Wang Shizhen (1526-1590) era mandarim. Exerceu cargos executivos e foi titular do ministério da Punição. Deixou várias obras. A sua fábula “O macaco amarelo que comia cérebro de tigre” integra a presente seleção.

Ying Shao (séc. III) foi um mandarim conhecido por sua lealdade e probidade. Na presente antologia, participa com “A moça que queria comer no Leste e dormir no Oeste”.

Youxizhuren é o pseudônimo do autor de nome desconhecido do famoso livro de anedotas Xiaolin Guangji, que constitui uma séria crítica social aos anos de chumbo do reinado do imperador Qianlong da Dinastia Qing, que governou de 1735 a 1796. Nesta antologia, participa com “O gago vegetariano”.

Zhu Fu (Dinastia Han) foi vice-general e governador. Mais tarde, acusado de traição, foi condenado à morte e executado pelo imperador. Participa com “O porco de cabeça branca”.

Zhuangzi (369-286 a.C.) era do reino de Song, um dos feudos do período dos Estados Combatentes chinês. Ele foi o sucessor de Laozi, fundador da escola Taoista, e é um dos responsáveis pelo seu desenvolvimento. De família humilde, viveu no início como sapateiro. Ocupou também o cargo de historiador copista. Certa vez o rei de Chu convidou-o para ser seu primeiro-ministro. Ele recusou o cargo. O seu livro Zhuangzi é um dos marcos fundamentais do taoísmo. Seus textos são recheados de fábulas e parábolas para facilitar a propagação da doutrina. O estilo de contar fábulas de Zhuangzi tornou-se um marco no desenvolvimento desse tipo de narrativa, influenciando as gerações posteriores. Nesta seleção participa com as fábulas “A felicidade dos peixes” e “O sonho de Zhuangzi”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Chou, Chunling (org). Gudai Zhongguo Yuyan Daxi (I). Shanxi: Shanxi Jiaoyu, 1994.

Chou, Chunling (org). Gudai Zhongguo Yuyan Daxi (II). Shanxi: Shanxi Jiaoyu, 1994.

Chou, Chunling (org). Gudai Zhongguo Yuyan Daxi (III). Shanxi: Shanxi Jiaoyu, 1994.

Liezi et alii. Zhongguo Yuyan/Ancient Chinese Fables. Trad. Yang Xianyi, Gladys Yang et alii. Beijing: Foreign Languages Press, 2001.

Liezi et alii. Zhongguo Yuyan/ Fables de la Chine antique. Beijing, Editions en Langues Étrangères, 2003.

Zhongguo Gudai Yuyan Xuan. Beijing: Renmin Wenxue, 1981.

Zhongguo Gudai Yuyan Xuan. Trad. Yang, Xianyi, Dai Naixian. Beijing: Foreign Languages Press, 2001.

Zhongguo Gudai Yuyan Yibai Pian. Trad. Qiaochejieling. Beijing: Zhongguo Duiwai Fanyi, 1985.

Zong, Shi (org). Selected satire from old Cathay. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 1999.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Estas fábulas foram extraídas do livro *50 fábulas da China fabulosa* publicado pela L&PM Editores, em 2007

Organização e tradução: Sérgio Capparelli e Márcia Schmaltz

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Ilustração: Artista anônimo

Ilustrações do miolo: Artistas anônimos, imagens do cotidiano do povo chinês

Revisão: Jó Saldanha e Bianca Pasqualini

Cip-Brasil. Catalogação na Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F122

Fábulas chinesas / organização e tradução Sérgio Capparelli e Márcia Schmaltz. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

il. (Coleção L&PM POCKET, v. 1018)

ISBN 978-85-254-2618-5

1. Fábulas chinesas. I. Capparelli, Sérgio, 1947-. II. Schmaltz, Márcia, 1973-.

III. Série

12-0679. CDD: 895.13

CDU: 821.581-3

© Sérgio Capparelli e Márcia Schmaltz, 2007, 2012

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br